

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-874-8 DOI 10.22533/at.ed.748192312 1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Bem-vindos, leitores e leitoras às dezenove reflexões que compõem este belíssimo e-book!

A própria identidade deste livro já anuncia aos leitores a pluralidade de conhecimentos que será encontrada em cada um dos trabalhos, em cada um dos autores e das referências utilizados. São textos que interagem a partir de uma estética multidisciplinar, criando cartografias de múltiplos saberes, ampliando múltiplos olhares, sobretudo por partirem de contextos variados de produção, reflexão e investigação do conhecimento.

A originalidade deste e-book se encontra inserida na pluralidade das reflexões que os autores propõem para o campo da pesquisa em multifacetados contextos em que a linguagem toma forma e inebria-se de sentidos. Todo texto apresentado é único pelo seu campo de investigação, o que não o torna uma ilha, mas cada um constitui-se de uma grande colmeia de saberes.

As discussões deste e-book são realizadas a partir múltiplos discursos, de muitas mãos, de muitos pensamentos que ao mesmo tempo em que problematizam, indicam caminhos capazes de direcionar o saber internalizado de cada sujeito que enxerga e aceita o qualificado desafio de passear entre as muitas veredas apresentadas no plano da coletividade de cada texto.

São dezenove capítulos que dialogam com outros autores, que garimpam as mais límpidas e ricas reflexões no trabalho multidisciplinar e contínuo da linguagem. O ponto alto de cada um dos dezenove capítulos organizados nesta obra reitera a necessidade de realização de trabalhos coletivos, engajados e repletos de significados.

Os capítulos desta obra juntam-se às múltiplas vozes em prol de um processo educativo capaz de comunicar, informar, esclarecer, problematizar e propor soluções. Sendo assim, todos os trabalhos passeiam entre os campos das Letras, das pesquisas linguísticas e das linguagens artísticas no fazer docente.

Cada capítulo demonstra um pouquinho de como seus autores pensam, de suas essências, de suas inquietudes e de seus sonhos. Em linhas gerais, esperamos que sejam valiosas, ricas, significativas e eficazes as reflexões, doravante, apresentadas neste e-book.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DO HISTÓRICO DE LETRAMENTO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, SÉRIES FINAIS, NA MOBILIZAÇÃO DA INTERGENERICIDADE NA ESCRITA DO DIÁRIO DE APRENDIZAGEM	
Valdení Venceslau Bevenuto Marlene Maria Ogliari	
DOI 10.22533/at.ed.7481923121	
CAPÍTULO 2	13
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO ENSINO BÁSICO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7481923122	
CAPÍTULO 3	24
A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA	
Rayane Araújo Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.7481923123	
CAPÍTULO 4	35
A CRENÇA ABSOLUTA NA VERACIDADE DOS DISCURSOS E DO LIVRO DIDÁTICO EM DISSONÂNCIA COM A TEORIA DO LETRAMENTO: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID/ INGLÊS	
Nayara Stefanie Mandarinino Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7481923124	
CAPÍTULO 5	44
A CONDIÇÃO HUMANA DO JOVEM LAZARO DE TORMES, NO CONTEXTO DA PICARESCA ESPANHOLA	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7481923125	
CAPÍTULO 6	50
A FOME COMO MÓVEL DA AÇÃO DO PÍCARO: UM BREVE ESTUDO ACERCA DO PERSONAGEM LÁZARO DE TORMES	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7481923126	
CAPÍTULO 7	60
A INSTAURAÇÃO DA FIGURA FEMININA SOB OS SIGNOS DA TENDENCIOSIDADE HUMORÍSTICA	
Eduardo de Lima Beserra Rodrigo Selmo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7481923127	
CAPÍTULO 8	72
A LITERATURA BELLATINIANA E A NARRATIVA PERFORMÁTICA	
Erika Rodrigues Coelho Natalino da Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7481923128	

CAPÍTULO 9	80
AS METÁFORAS NOS TEXTOS CIENTÍFICOS	
Patricia Luciano de Farias Teixeira Elizany Alves de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7481923129	
CAPÍTULO 10	91
CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS: ROMPIMENTO COM A TENDÊNCIA TRADICIONAL OU ATUALIZAÇÃO DO GÊNERO?	
Maria Zildene Gomes Rabelo Denise Noronha Lima	
DOI 10.22533/at.ed.74819231210	
CAPÍTULO 11	101
O CONTO A BELA E A FERA À LUZ DA PSICANÁLISE NUMA VERTENTE CONSTRUTIVA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	
Cecilia Maria Tavares Dias	
DOI 10.22533/at.ed.74819231211	
CAPÍTULO 12	113
FANTASMAGORIAS DA MODERNIDADE: UM ENCONTRO DA POESIA COM A PINTURA	
Vera Maria Luz Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.74819231212	
CAPÍTULO 13	127
MEMES VIRTUAIS, DISCURSO E LEITURA: APONTAMENTOS PARA UMA AULA DE LEITURA DISCURSIVA	
Gustavo Haiden de Lacerda Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo	
DOI 10.22533/at.ed.74819231213	
CAPÍTULO 14	132
MONITORIA ACADÊMICA DE LÍNGUA LATINA: INICIAÇÃO E APOIO AO TRABALHO DOCENTE	
Antonia Nayara Pinheiro Rolim Everton Alencar Maia	
DOI 10.22533/at.ed.74819231214	
CAPÍTULO 15	137
MORFOLOGIA DERIVACIONAL: FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS EM –VEL	
Ana Lúcia Rocha Silva	
DOI 10.22533/at.ed.74819231215	
CAPÍTULO 16	150
O LAMENTO DE ANDRÔMACA EM EURÍPIDES	
Luciano Heidrich Bisol	
DOI 10.22533/at.ed.74819231216	

CAPÍTULO 17	160
PODER E IMPOTÊNCIA: O JOGO DE REPERCUSSÕES EM A RAPOSA JÁ ERA O CAÇADOR, DE HERTA MULLER	
Lucas Andreuchette Medeiros Ana Lúcia Montano Boessio	
DOI 10.22533/at.ed.74819231217	
CAPÍTULO 18	167
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM “O ROMANCE DO CHUPIM DE MONTEIRO LOBATO	
Lays Emanuelle Viédes Lima Márcia Maria de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.74819231218	
CAPÍTULO 19	179
O FAZER ARTÍSTICO ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQS)	
Stéfane Cristine Luz Freire Silva Gilson de Oliveira Morais Júnior Lucas Hordones Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.74819231219	
CAPÍTULO 20	188
A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA	
Rayane Araújo Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.74819231220	
SOBRE O ORGANIZADOR	200
ÍNDICE REMISSIVO	201

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM “O ROMANCE DO CHUPIM DE MONTEIRO LOBATO

Lays Emanuelle Viédes Lima

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre

Márcia Maria de Medeiros

Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: Através do conto “O Romance do Chupim” escrito por Monteiro Lobato na década de 20, esta pesquisa integra o painel configurativo nas discussões sobre as relações de gênero na literatura. À luz da teoria de gênero concebida por Joan Scott, teoria fundadora e propositiva de um estudo teórico que busca contemplar as questões referentes as representações de gênero no conto, nosso objetivo mira-se em demonstrar como a inversão referente ao espaço público x espaço privado na narrativa, é construída pelo autor e interfere na ação das personagens. Isto posto, para elucidar como o autor constrói as representações sociais inerentes a questão de gênero no período em que o conto foi escrito, dado a sua vinculação a um modelo social de repetição patriarcal fertilizado como “natural”, fazendo aparecer no enredo das personagens, um quadro acerca das elites do país e dos valores que cultivavam. Desse modo, constata-se que a perpetuação

das diferenças relacionadas ao gênero, não passam de clausuras de significados a determinados sujeitos, sentidos forjadores do real por modelos sociais produzidos por um poder simbólico calado no discurso, dado a uma internalização das estruturas dos paradigmas dominantes inscritos em categorias nas pessoas ao longo da história.

PALAVRAS-CHAVE: Representação de Gênero, Literatura Brasileira, Monteiro Lobato.

GENDER REPRESENTATIONS IN “O ROMANCE DO CHUPIM” BY MONTEIRO LOBATO

ABSTRACT: Through the short story “O Romance do Chupim” written by Monteiro Lobato in the 1920s, this research integrates the configurative panel in the discussions about gender relations in the literature. In the light of the theory of gender conceived by Joan Scott, the founding and propositional theory of a theoretical study that seeks to address the issues regarding gender representations in the tale, our aim is to demonstrate how the inversion regarding public space x private space at the narrative, is built by the author and interferes with the action of the characters. That said, to elucidate how the author constructs the social representations inherent in the gender issue at the time the story was written, given its attachment to a social model of patriarchal

repetition fertilized as “natural”, making it appear in the plot of the characters, a picture of the country’s elites and the values they cultivated. Thus, it can be seen that the perpetuation of gender-related differences are nothing more than cloistered meanings to certain subjects, forging meanings of the real by social models produced by a symbolic power silenced in discourse, given to an internalization of the structures of the dominant paradigms subscribed to categories in people throughout history.

KEYWORDS: Gender Representation, Brazilian Literatura, Monteiro Lobato.

INTRODUÇÃO

Discutir questões de gênero é problematizar agulhões de linguagem e modos de significação/subjetivação que atravessam as relações sociais entre homens e mulheres escritas pela história como um paradigma de identidades sociais, manifestadas de forma simbólica e silenciosa.

Neste texto apresentamos discussões pertinentes ao entrelaçamento da literatura e da história, articuladas de tensões nas dinâmicas organizadoras das normas sociais e culturais estabelecidas, em especial, na década de 20, as quais são marcadas por estigmas sociais em um locus onde os valores masculinos prevalecem, porém o feminino conquista foco no cenário social e político. Mesmo assim, sob uma nova configuração ao transitar pelos espaços políticos, as mulheres entram em contraste com os seus pares masculinos ainda que a oposição binária afirme a noção de fixidez do sentido “do que é masculino” e “do que é feminino” nos palcos sociais.

Em primeira instância, este trabalho exigiu uma pesquisa bibliográfica composta por referências teórico-conceituais sobre o Gênero, utilizando o conceito acadêmico de categoria, para singularizar o termo e contextualizar a discussão. Entre estes marcos podem ser citadas as obras de Joan Scott, Judith Butler, Michelle Perrot e Pierre Bourdieu

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

O conto estudado neste artigo, intitulado “O Romance do Chupim”, de Monteiro Lobato, traz à tona intrigantes revelações acerca da complexidade dialética tocante às questões relativas ao gênero. Escrito na década de 20, a história revela como os espaços sociais estavam sendo debatidos frente aos deslocamentos dos lugares tradicionalmente ocupados pelas mulheres e pelos homens.

Monteiro Lobato como escritor para adultos, desde cedo, manifestou sua preocupação com os problemas sociais do Brasil. Considerado um crítico de costumes, foi hábil ao captar ideias de sua época, e construir uma obra literária que o qualifica como um dos mais influentes escritores brasileiros. Destacou-se como contista construindo enredos e desfechos inesperados como poucos possuidores dessa arte. Lobato escreveu diversos livros de contos, entre eles, Cidades Mortas, do qual o conto analisado neste trabalho faz parte.

Este conto narra a vida conjugal de Eduardo e Zenóbia, personagens que realçam um período de época, marcados que são por uma inversão dos tradicionais espaços de lugar ocupados por homens e mulheres. Diante de uma época com expressivas mudanças políticas e culturais, Lobato retrata as personagens do conto valendo-se de artifícios cômicos não para divertir, mas com o intuito de moralizar. Em “O Romance do Chupim”, ouvimos o eco dos valores sociais da época deste autor, ainda a ressoar para nós num retrato bastante atual.

As questões de gênero atravessam a literatura implicando em noções de fixidez validadas em consonância com o saber social não questionado, como esclarece Scott (1990), e compreender sobre a importância de gênero em dados contextos históricos, é encontrar quais seus sentidos e como eles funcionavam para manter a ordem social entre a história do passado e as práticas históricas atuais.

Observando a priori, a estrutura do conto escolhido, o mesmo equivale a três narrativas que logo no início da história, apregoam os óculos sociais da época, a começar pelo primeiro narrador, ao observar, junto a um amigo não denominado, na sala do cinema antes do início da sessão, a seguinte cena:

(...) um curioso casal. Ela, feiarona, na idade em que a natureza começa a recolher uma a todas as graças da mocidade, como a lavadeira recolhe as roupas do varal. Tirara-lhe já a frescura da pele e o viço da cor, deixando-lhe em trocas as sardas e os primeiros pés de galinha. Tirara-lhe também os flexuosos meneios do corpo, a garridice amável, os tiques todos que, somados, formam essa teia de sedução feminina onde se enreda o homem para proveito multiplicativo da espécie. Quase gorda, as linhas do rosto entravam a perder-se num empaste balofo. Certa pinta da face, mimo que aos dezoito anos inspirava sonetos, virara verruga, com um sórdido fio de cabelo no píncaro. No nariz amarelecido o pince-nez clássico da professora que se preza. Em matéria de vestuário, suas roupas escuriças, mais atentas à comodidade do que à elegância, denunciavam a transição do “moda” para “fora de moda” (LOBATO, 2014, p. 273).

Quando finaliza esta descrição sardônica da mulher, o narrador passa então a descrever seu acompanhante, um suposto marido, o qual não parece ter uma posição tão importante na estrutura do casal que mereça maiores detalhes seja no trato com suas vestes seja no que concerna aos seus atributos físicos: ele, bem mais moço, tinha um ar vexado e submisso, em singular contraste com o ar mandão da companheira. O estranho do casal residia sobretudo nisso, no ar de cada um, senhoril do lado fraco, servil do lado forte (LOBATO, 2014, p. 273-274).

O eufemismo utilizado pelo narrador ao caricaturizar o casal, remonta à aspectos culturais referentes aos valores predominantes da época, afinal seu olhar traz estereótipos sociais quando fala para o amigo sobre o casal, prenhe do que eram os (pre)conceitos sobre as relações de gênero fora da norma do início do século 20.

Nota-se aí, que o narrador profere um discurso que determina a assimetria da relação conjugal, que apesar de anacrônica, infere no seu posicionamento sobre uma identidade de gênero nada convencional, e que reforça os dualismos, conforme

preconiza Bourdieu (2014).

O amigo que acompanha o primeiro narrador ao cinema dá seguimento a conversa. Seguindo o olhar do companheiro anui que o homem que entrou praticamente levado pelo braço da esposa é:

Um chupim.

Chupim? – repeti interrogativamente, estranhando a palavra que ouvia pela primeira vez.

Quer dizer marido de professora. O povo alcunha-os desse modo por analogia com o passarinho-preto que vive à custa do tico-tico. Conheces? (LOBATO, 2014, p.74).

O primeiro narrador retorna então seu olhar para o casal, lembrando de uma cena cotidiana do campo quando outros pássaros passam a tomar conta dos filhotes do chupim. Pasma-lhe que, ao começar o filme, o marido esteja absorvido não só no que se passa na tela, mas também com os desejos e comentários da esposa: “Já eles não tiravam os olhos da tela, salvo o marido, que para melhor ouvir algum comentário da esposa não se limitava a dar-lhe ouvidos, dava-lhes os olhos também” (LOBATO, 2014, p.74).

Não parece coerente aos olhos do narrador que o marido se comporte de tal forma, daí o uso da metáfora, comparando-o ao pássaro devido ao seu modo de agir diante da sua mulher. Ao analisar o casal, a analogia deste tipo de homem em particular com o pássaro aclara o desacordo com os costumes de sua época, estabelecendo assim, uma representação desta identidade masculina.

O segundo narrador prossegue descrevendo quem são os chupins, em sua condição humana e biologicamente instituída, masculina. Na opinião dele, são “homens falhos, ratés da virilidade - a moral, está claro, que a outra lhes é indispensável para o bom desempenho do cargo” (LOBATO, 2014, p. 74). O cargo ao qual o narrador se refere é justamente o posto de marido. Ainda segundo ele:

Em troca as esposas ganham-lhes a vida e dirigem os negócios do casal, desempenhando todos os papéis normalmente atribuídos aos machos. Tais mulheres apenas fazem aos maridos a concessão suprema de engravidarem por obra e graças a eles, já que é impossível a revogação de certas leis naturais (LOBATO, 2014, p. 74).

O narrador ao desenhar a representação do “chupim”, expõe como ele mesmo percebe essa questão da virilidade, uma vez que, enxerga de acordo com o que considera “indispensável para o bom desempenho do cargo”, mas, como explica Bourdieu (2000) o homem viril é um produto socialmente construído, relacional ao sexo feminino.

A descrição dos narradores frente a caracterização do rapaz, no tocante à virilidade, remete aqui um posicionamento machista, uma vez que, a virilidade tal como proposta por Bourdieu (2014) é entendida na sociedade ocidental como a capacidade

reprodutiva do sujeito, além de preconizar a capacidade para o uso/exercício da violência e para o combate, que pode ser entendido tanto no cunho físico (luta) quanto no processo de embate em termos de discussão.

Tais visões demasiadamente estereotipadas continuam, mesmo com a chegada do filme ao fim, quando o narrador retoma o assunto dizendo que “em matéria de chupins”; seguiu “desde os primórdios” (LOBATO, 2014, p. 275), um caso interessante. A partir daí passa a narrar a história de Eduardo Tavares, o “chupim”, cujo caso trará ao conhecimento do amigo (e dos olhos de quem o lê, por consequência). A descrição de Eduardo, começa com o pejorativo tratamento dado a ele por parte do narrador: “Eduardinho Tavares, filho de tio e sobrinha, nascera sem tara aparente, a não ser extrema dubiedade de caráter, uma timidez de menina do tempo em que a timidez nas meninas era moda” (LOBATO, 2014, p. 275).

Observe-se aqui a utilização do diminutivo para o nome próprio do gênero masculino, Eduardinho. Esta utilização enuncia um caráter frágil/fraco, submisso e sensível, por parte daquele. Este processo não se coaduna com a verve masculina que se espera de um homem. Some-se a isso o fato de o jovem ser filho de tio e sobrinha, acusando aí uma relação incestuosa que necessariamente deveria trazer ao mundo, de acordo com as premissas da época, pessoas com transtornos físicos ou mentais a serem considerados. No caso, o transtorno aqui era o caráter dúbio que possuía a personagem, e que poderia começar a ser comprovado na timidez inerente ao seu comportamento.

A descrição segue dizendo que Eduardinho era uma: “Espécie de criatura intermediária entre os dois sexos” (LOBATO, 2014, p. 275). Nesse sentido, ele gostava de brincadeiras e tinha preferências por coisas inerentes ao que a sociedade considerava papel e inserção do sexo feminino: brincava de bonecas, lia romances e gostava de arte. Tais atitudes revelam uma sensibilidade que, mais uma vez, impede que o sujeito se expresse e imponha diante do grupo social (cuja base preponderante é o discurso machista) sua condição de homo virilis. Aliás, essa atitude levava Eduardinho a sofrer violência conforme a citação abaixo:

Eu, estouvado de marica, ri-me daquilo e escangalhei com a prenda, enquanto o maricas, abrindo uma bocarra de urutau, rompia num choro descompassado, como choram mulheres. Irritado, dei-lhe valentes cachações. Eduardo não reagiu; acovardou-se, humilhou-se, feito o meu carneirinho. Só procurava a mim dentre os companheiros. Acamaradamo-nos daí por diante, o que não me impediu de o fazer armazém de pancadas. Por qualquer coisinha, uma cacholeta. Ele ria-se, meigo, e cada vez mais me rentava. Pus-lhe o apelido de maricota. Não se zangou, gostou até, confessando achar mais graça nesse nome do que no seu. Hoje eu estudaria esse tipo à luz de Freud, como caso deveras notável; naquele tempo feliz de sadia ingenuidade limitava-se a tirar partido da sua submissão, transformando-o em peteca, em escravo, em coisa de que a gente põe e dispõe (LOBATO, 2014, p. 275).

Quando o narrador descreve Eduardo como uma “espécie de criatura intermediária

entre os dois sexos” (LOBATO, 2014, p. 275), chama-nos a atenção para o gênero que aparece sendo questionado frente ao modelo construído para homens, ou seja, Eduardo não pode ser considerado nem homem nem mulher, já que é a “oposição binária que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino” (SCOTT, 1990, p. 14).

Nesse contexto, o gênero é tratado como “destino” (RUBIN, 1993), vestido por um traço essencialista, limitado à sexualidade em termos puramente biológicos, fortalecido por padrões naturalizadores dos comportamentos atribuídos aos sexos, sem deixar de atentar-se ao fato de que o gênero detém o espaço do imponderável, ou seja, possuidor de “um grau variável de liberdade de opção” (SAFFIOTI, 2001).

A evidência de algo “desajustado” no comportamento de Eduardo é demonstrado pelo narrador pela hostilidade com o amigo, (des)cortinando um “problema” aparente na narrativa como um tipo de intolerância ao que qualifica o gênero não nomeável, concebido por ele como algo impensável para a virilidade masculina, e que apesar da intimidação imposta a Eduardo, reforça a ideia do uso da violência. O narrador inculca na personagem designações que, semanticamente pesam em feminilidade.

Mesmo diante da violência sofrida na infância por parte de Eduardo, a amizade entre os dois se manteve tempos depois da escola. O narrador e Eduardinho apesar das muitas diferenças, continuaram camaradas e o narrador pôde acompanhar o amigo vida afora. No entanto, o narrador casa-se e, constitui família, processo tido para a grande maioria como “condição normal” na conjuntura da época. Tal “condição” veste o pensar social de que “o discurso do casamento” (RUBIN, 1993), delimita capacidade segura, saudável, madura – politicamente correta.

Ele casou-se “com a moça mais feminina da época, uma romântica escapulida a Escrish, dessas que têm medo às baratas e caem de fanico se um rato lhes corre pela sala – o meu gênero, enfim” (LOBATO, 2014, p. 276). O narrador ao se referir à “feminilidade” de sua escolhida, constata a superposição de valores que regem a compreensão e a reprodução do sistema patriarcal que qualifica o sujeito homem e o sujeito mulher, e quais comportamentos são dignos de um e de outro, e como se naturaliza tais padrões através dos discursos, poderosos eixos de subjetivação (BOURDIEU, 2014).

Quanto ao amigo, o narrador declara que Eduardinho “Nunca perdeu a timidez donzelesca. Fugia às meninas, sobretudo se eram românticas, ou acentuadamente mulheris – o meu gênero” (LOBATO, 2014, p. 276). Na continuidade de suas (des)aventuras, Eduardo tornou-se misógino, alheio ao que se ligava ao feminino e às mulheres. Manteve-se solteiro e vivendo a socapa de seu pai, que quando morreu deixou-lhe algumas propriedades e algum dinheiro, os quais ele perdeu, caindo na pobreza (outra condição inaceitável para um homem, de quem se espera ser o provedor da família).

Nesse entremeio, ele procura novamente o antigo colega e amigo esperando que este pudesse lhe dar algum conselho. O amigo viu que Eduardo “(...) não dava para

coisa nenhuma” (LOBATO, 2014, p. 276) e então recomendou que ele se casasse:

Casa-te. Incapaz de ação como és, tua única saída se resume em tirar partido da tua qualidade de macho. Casa como moça rica, ou então, como mulher trabalhadeira. Nada valeu o conselho. Eduardo não tinha jeito para requestar mãos femininas, quer bem aneladas, quer muito calejadas. Embaraçava-o a irredutível timidez. Mas o diabo arma (LOBATO, 2014, p. 276).

O narrador propõe que Eduardo se case pois assim pode “tirar partido da qualidade de ser macho” (LOBATO, 2014, p. 276). Como parte do aconselhamento ao amigo, o narrador diz a Eduardo que a esposa não podia ser uma moça qualquer, ela deveria ser “(...) moça rica, ou, então com mulher trabalhadeira” (LOBATO, 2014, p. 276), ou seja, “os encantos femininos constituem um capital (...) é claro que amor pode existir. Mas é um golpe de sorte ou triunfo da virtude” (PERROT, 2008, p. 47).

Chama a atenção que o narrador, ao fiar os acontecimentos que encaminham a vida do rapaz revele forças sociais que regulam o gênero, através das quais a esfera da sexualidade aparece imbuída de conflitos de interesses deliberados, passando a auferir um ar carregado de embates políticos relacionados a construção de espaços sociais como explica Rubin (1993).

Devido a incapacidade de Eduardo em se relacionar com o sexo oposto, o conselho dado pelo seu amigo foi em vão. No entanto, um dia o destino então, orquestra uma mudança na vida do rapaz com a chegada de uma professora nova na cidade, uma pretendente, que quando vê Eduardo se encanta por ele. Mais uma sarcástica descrição caricata do tipo feminino de Zenóbia:

[...] professora nova... Tipo de mulheraça máscula, angulosa, ar enérgico, autoritária. Gostava de discutir política, entendia de cavalos, lia jornais, tinha ideias sobre a seca do Ceará e o saneamento dos sertões. Apesar de bem conservada, andava perto dos quarenta, não fazendo nenhum mistério disso. Se não se casara até então, não é que fosse infensa ao matrimônio: não achara ainda o seu tipo de homem, dizia.

Pois não é queo raio da pedagoga vê Eduardo e se engraça dele? Examina-o fulminantemente, como quem examina um cavalo; mira-o de alto a baixo, interpela-o, dá-lhe balanço às ideias e aos sentimentos, pesa-lhe o valor monetário, pede-lhe, ou, antes, toma-lhe a mão, leva-o à igreja e casa-o consigo. (LOBATO, 2014, p. 276).

O texto infere que Zenóbia tomou a iniciativa ao fazer-lhe a corte e propor o casamento, ao passo que Eduardo consentiu da mesma forma como consentia a violência sofrida por ele outrora em tempos da escola. Assim o fatum selou o destino de Eduardo: ele casou-se e passou a desempenhar na relação entre os dois, o papel que a sociedade impunha a mulher, qual seja, ficar em casa e cuidar do espaço privado. Quanto a sua esposa:

Dona Zenóbia sabia avir-se com a vida. Ganhava-a folgadoamente. Além da escola que dirigia, tinha a juros um pequeno capital que não cessava de crescer, colocado a

quatro ou cinco por cento ao mês, sob garantias de toda ordem. Casada, continuou à testa dos negócios; o marido se aparecia nominalmente nalguma transação, era próforma.

Encaramujado em casa de professora, Eduardinho foi sonegado do mundo e o mundo acabou esquecendo

Eduardinho. Nunca mais o viram na rua, ou nas festas, sem ser pelo braço da mulher, na atitude escolhida daquele chupim do cinema (LOBATO, 2014, p. 277).

A esposa Zenóbia, era a provedora de seu lar, ela que saía da esfera privada e protagonizava a esfera pública enquanto Eduardo ficava “encaramujado em casa de professora”. Nesse momento da narrativa, observa-se a inversão dos espaços ocupados por homens e mulheres e identificados por Perrot (2008), que apresenta o século XX, como uma revolução que constituiu brechas nos sistemas de poder promissoras à reivindicação latente da igualdade dos sexos.

A representação da personagem de Zenóbia (des)constrói a ideia de um espaço público como esfera essencialmente masculina de trabalho destinado aos homens e controlado por eles, no qual a participação das mulheres era apenas como coadjuvante. Zenóbia é representada no conto com essa significativa (re)definição de deslocamento dos espaços tradicionalmente ocupados por homens, ela é uma mulher independente, o que para o seu tempo, poderia ser visto como excêntrico (incomum).

A personagem de Zenóbia demonstra um certo tipo de incômodo frente a conjuntura de seu casamento perante a visibilidade social, em razão de ser ela a compor o espaço público e não o marido, que após o casamento, só era visto segurado pelo braço da esposa, afinal, “num casal cujo cônjuge masculino é célebre, serão conservados os papéis do marido, e não os da mulher” (PERROT, 2008, p. 22). Nesse entretempo, com o nascimento do primeiro filho do casal, “e começa aqui o mais engraçado da comédia” (LOBATO, 2014, p. 277), Eduardo continuava em casa, assumiu por definitivo as tarefas domésticas, agora, em especial, cuidando da criança.

Zenóbia tentava criar estratégias que minorassem a situação de constrangimento imposta pelo incomum arranjo de seu casamento, diante da sociedade do tempo. Para impedir as falações, ela inventa uma suposta carreira literária para o marido, situação em que Eduardo escreveria um romance. Ela começa a gabar as qualidades artísticas do marido:

— Vocês — dizia ela às professoras do colégio — não sabem que tesouro perderam. Eduardo saiu-me uma verdadeira revelação. É dessas criaturas privilegiadas que possuem o dom divino da arte, mas que às vezes passam a vida inteira sem se revelarem a si próprias. Aqueles seus modos, aquela timidez: gênio puro, minhas amigas! Vocês hão de vê-lo um dia aparecer qual meteoro, alcançar a glória e cair como um bólido dentro da Academia. Está escrevendo um romance que é um suquinho! Lindo, lindo!...

Esse romance levou meses a compor-se. Todos os dias, no quarto de hora de folga que juntava as professoras na sala de espera, dona Zenóbia vinha com notícias da obra. — Está ficando que dá gosto! O capítulo acabado esta manhã parece coisa do outro mundo! (LOBATO, 2014, p. 277).

Dona Zenóbia, ao criar tal situação, age de forma inteligente (nem por isso pouco cômica) a qual, positivamente, reforçava a escolha pelo marido “inútil” enquanto suavizava os falatórios maldosos, apesar da consciente ideia de que o marido era um legítimo chupim, ideia generalizada na cidade. Engenhosamente, ela lança o marido como um “grande talento literário, capaz de obras deveras notáveis” (LOBATO, 2014, p. 277).

Cotidianamente Zenóbia tecia mais um capítulo desse suposto livro onde um jovem loucamente apaixonado por uma linda donzela à moda princesa, sofria pela dificuldade em concretizar o seu amor. O romance de Eduardo soava como um daqueles textos que parecem poema em prosa e até o título evocava esta imagem pois o romance chamar-se-ia *Núpcias Fatais*. A história criada por Zenóbia tomou proporções cada vez maiores. As suas colegas de trabalho ficavam extasiadas ouvindo a narrativa, e excitadas aguardavam o desfecho do complexo enredo. A fama de Eduardo enquanto escritor correu pela cidade e logo:

A notícia correu pela cidade e isso acabou reabilitando Eduardo da sua fama de Zé-faz-formas, pax-vóbis e mais apelidos deprimentes de que é fértil o povo.

— Como a gente se engana! — diziam; — parecia uma lesma de pernas, ninguém dava nada por ele e, no entanto é um romancista!...

As professoras davam à trela e o enredo das *Núpcias fatais* corria de boca em boca pela cidade, os lances de efeitos gabados, com citação das melhores tiradas. O Popular, noticiando o aniversário do moço, consagrou-o — ‘festejado homem de letras’ (LOBATO, 2014, p. 278).

Zenóbia dosava a narração do romance às colegas, de modo a manter as professoras suspensas nos lances mais comoventes da ilustração que vocalizava aos pedacinhos, dia a dia. Ela tinha a habilidade de incorporar as colegas ouvintes, nos trechos mais emotivos de sua narração, a ponto delas sugerirem possibilidades de outros desfechos aos personagens do romance com os quais já entravam em processo de identificação. Mas Zenóbia demonstrava diante dos pedidos, ainda mais artimanha, respondendo às colegas que as sugestões não poderiam ser atendidas, visto que, prejudicaria o desfecho do texto, além de não ser estético.

Mais tempo se passava, e o romance se delongava à moda antiga, em vários volumes. Zenóbia deixava as colegas ora em lágrimas, ora em êxtase com a habilidade de sua narração, uma verdadeira “contadora de histórias”, mas, como descreve o narrador — “Às vezes, quando estava de saia preta, em seus dias de azedume, não adiantava a novela um passo sequer” (LOBATO, 2014, p. 278). Quando não havia o que contar, ou Eduardo descansava, ou estava com dor de cabeça e por isso nenhuma linha, “o grande escritor” tecia.

Um belo dia, sem mais nem menos, Zenóbia anuncia a véspera do desfecho do mais esperado romance, o ponto supprassumo da obra. Essa notícia deixara suas colegas extremamente ansiosas pelo final que, supunham todas, seria inusitado

levando-se em conta a maneira como a história fora sendo conduzida até ali. Mesmo diante do anúncio do grande dia, uma colega, demonstrando intranquilidade, indaga Zenóbia sobre a salvação de um determinado personagem da história. E Zenóbia, não sabendo a resposta, pois o romance era do marido, volta-se para a colega e pede a ela paciência, afinal como ela poderia saber “o que lá se passa na imaginação do artista?” (LOBATO, 2014, p. 278).

No dia seguinte, chega Zenóbia com ar bem-humorado, parecendo estar cheia de novidades aos olhos das colegas, que a esperavam ansiosas. Ao vê-la, alimentam o desejo pelo dia da revelação do desfecho da obra. Quando as colegas a questionam sobre a revelação, Zenóbia diz que Eduardo está no ponto culminante da obra, que até a hora dela sair de casa, ele ainda estava lá, na efervescente elaboração do seu granfinale literário, mas que ela havia pedido a ele que comunicasse o resultado pelo telefone.

Então, eis que estão todas as colegas, envolvidas em ardorosa conversa querendo saber o que se passaria com o personagem herói da história de Eduardo, quando de repente toca o telefone, e Zenóbia vai atender o grande artista piscando para as amigas, estarecidas de excitação. Ao se dirigir a um compartimento vizinho para a conversa, sob os olhares de interrogação das colegas, desenrola-se o seguinte diálogo:

— Ele não para de chorar, Zenóbia. Ao meu ver é cólica o que ele tem. Desde que você saiu que é um berro só. Já fiz tudo, dei chá de erva-doce, dei banho quente — nada!

Berra que nem um bezerro!

— Você já cantou o Guarani?

— Cantei tudo, o Guarani, o ‘Tutu já lá vem’, o ‘Somos da pátria a guarda’..., Mas é pior. — Deu camomila?

— A camomila acabou. Quis mandar a negrinha buscar um pacote na botica, mas não achei o dinheiro...

— Lerdo! E aqueles dois mil-réis de ontem? Não sobrou metade?

— É que... é que comprei um maço de cigarros... — Sempre o maldito vício! Olhe, atrás do espelho, perto da saboneteira azul, está uma pratinha de quinhentos. Mande buscar a camomila, mas no Ferreira, que a do Brandão não presta, é falsificada. Ferva uma pitada numa xícara d’água e dê às colherinhas. Dê também um clister de povilho. Mudou os paninhos?

— Três vezes, já.

— Verde?

— Verde carregado, como espinafre.

— Bem. Eu hoje volto mais cedo. Faça o que eu disse, e fique com ele na rede. Cante a ária da Mignon, mas não berre como daquela vez, que assusta o menino. Em surdina ouviu? Olhe: ponha já as fraldas sujas na barreira. Escute: veja se tem água no bebedouro dos pintos. A marmelada? Ora bolas! Deixe isso para amanhã. Bom, até logo! (LOBATO, 2014, p. 280-281)

Após a conversa com Eduardo, Zenóbia volta às colegas, que continuavam na expectativa. Ela manipula a situação até um certo momento, instigando ainda mais as

expectativas, perguntando o que elas achavam que tinha acontecido com o mocinho da história, e para o desapontamento geral, inventa o fim mais improvável às ouvintes. No entanto, ela volta atrás dizendo brincar, que Eduardo estava com dor de cabeça e que ela o aconselhara a descansar, ficando o desfecho da obra para outro dia.

Na realidade, “o romance do chupim tem hoje onze anos. Já é menino de escola. Chama-se Lauro e, para a reabilitação do sexo barbado, puxou o caráter da mãe” (LOBATO, 2014, p. 281). A história construída por Zenóbia como que para redimir a condição do marido aparece como um folhetim oral inventado por ela, mostra o desempenho hábil da professora na construção do enredo, das personagens e na destreza em manter o suspense da narração, parando nas partes mais emocionantes, principalmente fiando o mote para o próximo dia.

Zenóbia aparece assim como uma Penélope que procura manter as rédeas de sua vida sob o seu controle. Mas ao contrário desta que tecia seus bordados durante o dia e os desmanchava durante a noite, na espera do retorno do marido a quem se mantém fiel; aquela tem o seu Odisseu em casa e sob as suas rédeas, mas nem por isso menos perdido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lobato no final do conto, nos surpreende com a informação de que Eduardo não escrevera romance nenhum. Existia na verdade, a esposa – Zenóbia, que aparentemente bem resolvida com o fato de ser uma mulher pública, independente e a frente das decisões sociais de sua posição, não se reconhecia como tal, pois sofria os efeitos práticos e visíveis do patriarcalismo na manifestação do seu humor, vergonha, humilhação e culpa mas que performatizava uma personagem outra, além da que inventara para o marido, para se sentir respeitada perante os julgamentos sociais da sua relação conjugal nada convencional.

O narrador confere à representação de Zenóbia, a impressão de uma carga confessional que ela mesma encena, ao envergonhar-se da condição de seu marido, restrito ao espaço privado, e sustentado por ela, atuante na esfera pública. Desse modo, as personagens de Zenóbia e Eduardo, são exemplos de como as representações de gênero são influenciadas pelas mudanças na organização das relações sociais como explica Scott (1990), sendo tais mudanças que correspondem as transformações nas relações do poder, não seguindo necessariamente a direção da mudança um único caminho. Observa-se também, a visão que os narradores constroem frente as significações de gênero conforme seus posicionamentos essencialistas da lógica binária referente ao que é da ordem do masculino e que é da ordem do feminino.

A performance da personagem Zenóbia, sob a perspectiva das representações de gênero, traz à baila uma “ficção acrescentada à ação”, isto é, quando a personagem forja a reputação do marido, vitimado pelos falatórios de ser o homem sustentado as custas da mulher, Zenóbia elabora no casamento como um tipo de exercício de

autoafirmação, a figura de um Outro, advindo da sua imaginação, que de certa forma, custa a ela, um “alívio” referente ao peso (vergonha) social de viver a inversão dos papéis sociais estabelecidos socialmente para homens e mulheres em sua época.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**; tradução Maria Helena Kuhner - 2ª ed. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

CHARTIER, R. **O Mundo como Representação**. Estudos Avançados 11 (5), 1991.

LOBATO, M. **O Romance do Chupim**. In: Contos Completos. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

RUBIN, Gayle. **Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade**. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes e revisão de Miriam Pillar Grossi. Do original RUBIN, G. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality [1984]. In: ABELOVE, Henry, BARALE, Michèle e HALPERIN, David. (eds.) The Lesbian and Gay Studies Reader. Nova York, Routledge, 1993

SAFFIOTI, H. I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de Gênero**. Cadernos Pagu, 2001, p. 115-136.

SCOTT, J. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 63-65.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Trad.: Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, do texto original: Gender: a useful category of historical analyses. Nova Iorque, Columbia University Press, 1989.

SWAN, N. T. **As Teorias da Carne: corpos sexuados, identidades nômades**. Labrys, estudos feministas. Número 1-2, julho /dezembro 2002.

SOBRE O ORGANIZADOR

Ivan Vale de Sousa - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Licenciado em Letras: Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 13, 14, 16, 17, 20, 22

Ambiguidade 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 80, 103, 119, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 37, 75, 101, 102, 108, 110, 132, 133, 135, 179

B

Bilinguismo 14, 15, 20

C

Contexto laboral 60

Contos de fadas 91, 92, 93, 95, 96, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112

Currículo escolar 13, 16, 17, 19

D

Discursos 13, 14, 18, 19, 20, 22, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 84, 86, 90, 128, 131, 158, 172

E

Educação linguística 17, 23, 36

Ensino básico 13, 15, 17, 18, 21

Ensino fundamental 1, 2, 4, 11, 36, 37, 42, 180

Equidade 17, 22

Escola regular 15, 18, 20, 42

Escrita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 25, 33, 34, 45, 50, 53, 72, 73, 92, 99, 108, 109, 130, 165, 178, 189, 198, 199

Euripedes 89

F

Figura feminina 60, 61, 66

Formação bilíngue 13

G

Gramática 13, 15, 134, 136, 138, 140, 148, 200

H

Herta Muller 160, 161, 165

Histórias em quadrinhos 179, 180, 181, 182, 187

I

Igualdade 17, 20, 136, 164, 174

Inclusão 4, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 142

L

Lázaro de Tormes 47, 50, 55

Leitura 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 24, 27, 40, 45, 46, 49, 51, 53, 55, 58, 101, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 127, 128, 129, 130, 131, 153, 160, 162, 163, 164, 165, 179, 180, 181, 188, 191

Letramento 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 35, 36, 37, 39, 42, 112

Língua 2, 4, 5, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 51, 61, 63, 64, 65, 72, 84, 86, 89, 90, 106, 108, 111, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 155, 181, 189, 198, 199, 200

Língua Brasileira de Sinais 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23

Língua Latina 132, 133, 134, 135, 136

Língua Portuguesa 2, 4, 5, 10, 11, 14, 15, 21, 34, 51, 72, 89, 111, 127, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 147, 181, 199, 200

Literatura 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 72, 74, 91, 92, 95, 96, 100, 102, 108, 109, 110, 112, 120, 124, 143, 148, 160, 161, 165, 167, 168, 169, 179

Livro didático 33, 34, 35, 36, 37, 198, 199

M

Memes 127, 128, 129, 130, 131

Metáforas 68, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 163

Monteiro Lobato 167, 168

Morfologia 137, 138, 142, 145

P

Piada 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 60, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Poesia 7, 113, 117, 118, 152, 156

Psicanálise 64, 95, 101, 102, 103, 109, 111, 112

